#### UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

**28** 

INSCRIÇÕES 126-130



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA COIMBRA 1988 FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA Maria Manuela Alves DIAS

Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

# Suplemento de Conimbriga ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.





## PLACA FUNERÁRIA DE MEIMOA (PENAMACOR)

**Гото** 126

Esta inscrição foi encontrada aquando da demolição de uma antiga habitação, em Meimoa. Trata-se de mais um monumento reaproveitado, em épocas passadas, na construção urbana desta aldeia, embora não se saiba, ainda, qual a sua origem exacta (¹).

Este monumento, de granito claro de grão médio, está bastante danificado. Aquando do reaproveitamento e de forma irregular, a parte superior foi fracturada; lateralmente, foram-lhe feitos rasgos com cerca de 6 centímetros de largura, que aumentam de profundidade (1 a 3 cm) de cima para baixo; inferiormente, desbastada, apercebe-se a existência de uma moldura (dupla e em garganta?) de duas faixas, tendo a interior 3 e a exterior 4

<sup>(</sup>¹) Apareceu numa casa que foi de José Esteves Canilho, junto à estrada nacional. Posteriormente, foi oferecida a um dos autores (MPB), que a guarda na sua colecção particular. Existindo, próximo da aldeia, duas estações arqueológicas de época romana (Cabeço do Lameirão e Vale da Canadinha), poderá ser de qualquer delas.

Entretanto, foi referida numa comunicação apresentada nas «I Jornadas de História Regional do Distrito de Castelo Branco», Castelo Branco, Novembro de 1987, cujas actas estão no prelo: Mário Pires Bento e Fernando Patrício Curado, Paisagem e Património Histórico nos Termos de Penamacor e de Meimoa.

centímetros; ao nível do início da l. 2 e final da l. 3, foram feitos dois orifícios.

Dimensões:  $(49) \times (71) \times (20/24)$ . Campo epigráfico:  $(42) \times (60)$ .

T(itus) DOMITIVS [GAL(eria tribu), vel Q(uinti) F(ilius)] / POSTVMVS CLVN(iensis) / AN(norum) LXVI (sexaginta sex) H(ic) S(itus) [E(st)] / L(ucius) DOM(itius) · POSTVMINVS P(atri, vel -osuit) [···]

Aqui jaz Tito Domício Póstumo (da tribo Galéria, ou, filho de Quinto), cluniense, morto aos 66 anos. Lúcio Domício Postumino (mandou fazer este monumento) ao pai.

Altura das letras: l. 1: (7); l. 2: 5,5 (T e L = 7); l. 3: 5; l. 4: 4,5 (T = 5,5). Espaços: 1: (?); 2: 2 (1 em T); 3: 2; 4: 13; 5: 1.

Ainda que bastante danificada a l. 1, no início nota-se a haste vertical de um T; no final, onde resta apenas um arco de círculo em posição inferior, levanta-se a dúvida sobre se se trataria da filiação (se fosse um Q), ou da indicação da tribo (se fosse um G), embora seja mais provável esta última hipótese se levarmos em consideração o facto de a inscrição na tribo Galéria ser a mais vulgar entre a gente do município cluniense. No final da l. 2 ainda se nota a primeira haste vertical do N terminal da abreviatura. E no final da l. 4 é possível que tivesse existido ainda mais alguma sigla.

Apercebe-se uma paginação perfeita, que é realçada por uma boa gravação, em bisel, dos caracteres em escrita capital quadrada, com módulos decrescentes e sem indícios de linhas auxiliares. Os OO são perfeitamente circulares; os TT de travessão elevado; os NN de hastes verticais; os PP de pança aberta. Apenas a seguir à abreviatura da linha 4 e de forma ténue, se distingue um ponto de separação, sendo possível que outros tenham desaparecido por desgaste do suporte.

O espaçamento entre as linhas 3 e 4, à primeira vista exagerado, não deixaria de ser intencional: ou para destacar a identificação do homenageado, ou porque se guardou espaço para futura identificação de outro defunto (a esposa), ou, também e simplesmente,

porque, no monumento, a placa estaria embutida numa posição relativamente elevada.

Pela paleografia e tipo de formulário, este monumento deverá ser do início da segunda metade do séc. I. E, tipologicamente, afasta-se dos monumentos aqui identificados até ao momento, pelo que, eventualmente, poderá atribuir-se a uma oficina estranha (talvez de Idanha) (2).

O facto de se tratar de um cluniense — o primeiro identificado na Meimoa (em terra de Lancienses), mas não na Beira Baixa porque se conhecem alguns em Idanha — deverá estar relacionado com a exploração mineira local, sabendo-se que esta é uma das características dos movimentos migratórios desta gente. E a onomástica latina pressupõe um alto grau de romanização e elevado status social (3).

#### Mário Pires Bento Fernando Patrício Curado

<sup>(2)</sup> Sobre a epigrafia local, vide Maria de Lourdes Albertos e Mário Pires Bento, Testemunhos da ocupação romana na região da Meimoa (Beira Baixa), separata de «Actas do XVI Congresso Nacional de Arqueologia», Vitória (Espanha), 1975; Mário Pires Bento, Apontamento sobre a arqueologia meimonense, «Actas e Memórias do 1.º Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor—1979», Penamacor 1982 (= «Actas Penamacor»), p. 121-124; Luís Barata e Manuel Leitão, Breves notas para um catálogo da epigrafia romana de Penamacor, «Actas Penamacor», p. 101-116 (com bibliografia complementar); e, ainda, FE 11, 1985, n.º 47, nota 1.

<sup>(3)</sup> Sobre clunienses nas províncias interiores de Portugal, vide D. Fernando de Almeida, Egitânia, Lisboa 1956, n.ºs 26, 32, 34, 72, 81, 137 e 138; José d'encarnação, IRCP, 1984, n.ºs 619, 620 e 629 (estes, todos do nordeste do distrito de Portalegre); José d'Encarnação e Rogério Carvalho, «Belver ao tempo dos Romanos — A população e suas crenças», Portalegre (Assembleia Distrital), 1984.

E sobre a problemática dos movimentos migratórios dos clunienses, relacionados com a procura de regiões mineiras, cf. Alain Tranoy, La Galice Romaine, Paris 1981, p. 224 (sobre a região mineira de Trêsminas, Vila Pouca de Aguiar); Georges Fabre, Le tissu urbain dans le nord-ouest de la Péninsule Ibérique, «Latomus» XXIX, 2, 1970, p. 314-339; e também Carmen García Merino, Las tierras del NO. de la Peninsula Ibérica, foco de atracción para los emigrantes de la Meseta en época romana, «Hispania Antiqua» 3, 1973, p. 9-28; Idem, Población y Poblamiento en Hispania Romana. El Conventus Cluniensis, Valladolid, 1975.



**Гото** 126

## FRAGMENTO DE LÁPIDE DA SENHORA DO BOM SUCESSO (PENAMACOR)

**Fото 127** 

Reaproveitado numa pequena arrecadação do alpendre da capela da Senhora do Bom Sucesso (freguesia e concelho de Penamacor), está o que resta desta lápide (¹). De granito de grão médio, foi o bloco adaptado a ombreira de uma pequena porta e, infelizmente, ao fazer-se o batente dessa porta, foi precisamente a face epigrafada que se sacrificou.

Resta uma pequena parte da face anterior, correspondendo apenas à última linha da epígrafe. E mesmo esta encontra-se bastante erosionada, com os caracteres actuários quase apagados, embora se aperceba que estes foram gravados de forma cuidadosa e em bisel.

A moldura seria de filete exterior periférico, a que se seguia uma gola, tendo aquele 3 e esta 4,5 centímetros de largura.

<sup>(</sup>¹) Foi identificada há já alguns anos, juntamente com a ara dedicada a *Quangeius* anteriormente publicada (FE 7, 1984, n.º 26). Devido às grandes dificuldades de leitura, esperou-se que também fosse removida para o Museu Municipal de Penamacor; porém, passado todo este tempo, ainda ali continua e, por isso, julgamos conveniente publicá-la agora.

É provável que estes materiais tenham sido recolhidos a cerca de um quilómetro para sudoeste, na margem esquerda da Ribeira da Baságueda, onde aparecem materiais de superfície.

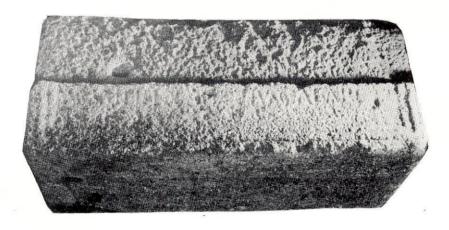
Dimensões:  $48 \times 110 \times 49$ . Campo epigráfico:  $(14) \times 94$ .

[...?] / [...]RI FILI[... ...]A CABARI [...]

Altura das letras: 5. Espaços: 1:(2); 2:7.

Apenas haverá que assinalar, supomos que pela primeira vez, o antropónimo Cabarus/Cabarius, embora existam várias formas com o mesmo radical.

FERNANDO PATRÍCIO CURADO



**Гото** 127

#### 128

# PLACA FUNERÁRIA DE MORTÓRIOS (VALE FORMOSO - COVILHÃ)

**Гото 128** 

Placa de granito da região, com inscrição funerária, truncada do lado esquerdo. A fractura eliminou a moldura, simples e com uma ranhura central, desse lado e de metade da parte superior. O texto, em campo epigráfico rebaixado, perdeu também as primeiras letras das três linhas que o compõem.

O monumento foi encontrado, há cerca de 20 anos, quando se surribava terreno para plantar uma vinha, no sítio dos Mortórios, freguesia de Vale Formoso, concelho da Covilhã (¹). Os achados arqueológicos aqui encontrados permitem identificar mais uma villa nas férteis terras do vale do rio Zêzere (²).

<sup>(</sup>¹) Agradeço ao Eng.º Domingos Gil, proprietário do monumento que guarda na sua casa da Benquerença (Penamacor), por me ter comunicado a sua existência e permitido a sua publicação. Igualmente agradeço ao meu mestre Dr. José d'Encarnação e ao Eng.º F. Curado as informações prestadas para a elaboração deste trabalho.

<sup>(2)</sup> Marques, C. Santos, A viação romana no concelho da Covilhã. In «Comunicações das 1.ªs Jornadas Regionais sobre Monumentos Militares», Castelo Branco, ARCINP [Associação Regional Arqueológica e Defesa do Património dos Concelhos de Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Penamacor], 1983, p. 20.

As coordenadas geográficas do local são as seguintes (segundo a «Carta Militar de Portugal», na escala de 1:25 000, folha 225 — Belmonte): 40° 22′ 54″ Lat. N, 7° 22′ 35.7″ Long. W (Gr.).

A placa, originalmente com o formato de um paralelepípedo rectângulo, face posterior bem alisada e lados toscamente trabalhados apresentando as marcas do escopro, devia estar embutida na parede de um jazigo.

Dimensões:  $53 \times 70 \times 18$ . Campo epigráfico:  $35 \times 58$ .

[···]LO / [C]AIINON/[I]S · F(ilius) · HIC · SITVS ·

Aqui jaz..., filho de Cenão.

Altura das letras: l. 1: 7; l. 2: 10 (O = 8,5); l. 3: 8,5. Espaços: 1: 2; 2: 3; 3: 2; 4: 4,5.

A paginação é má, não obstante o alinhamento provável da l. 1 à esquerda e das restantes à direita e à esquerda. A transliteração cortou o patronímico, sem grande necessidade caso se tivesse utilizado um módulo de letra ligeiramente menor. A pontuação, correcta, consta de pequenos pontos circulares. Os caracteres são do tipo capital actuária, de ductus para a direita. Gravação muito profunda e de incisão triangular. Destacam-se os NN abertos e os OO circulares. O E está representado por duas barras verticais e o F por barra e meia barra.

Apesar de fracturada, não oferece dificuldades de leitura, à excepção da primeira palavra da l. 1 com o nome do defunto, que não se pode reconstituir, uma vez que resta apenas a terminação -lo. Na l. 2, encontra-se parte do patronímico (Caenon-), tendo desaparecido o C e do A existe apenas a metade direita; no começo da l. 3 devia encontrar-se a terminação (-is), de que só existe a curva inferior do S.

O antropónimo Caeno, de origem pré-romana, está bem documentado na Lusitânia Oriental e, particularmente, nesta região (3).

É de assinalar a apresentação, pouco habitual, da fórmula hic situs por extenso. Por exemplo, José Vives no seu catálogo

<sup>(3)</sup> Siles, J., Una nueva inscripción latina de Carbajales de Alba (Zamora). con nombres prerromanos, «Studia Zamorensia», Salamanca, 1, 1980, p. 37-38.

Inscripciones Latinas de la España Romana (Barcelona, 1971) registou apenas onze exemplos (n.ºs 2369 a 2379).

A extrema simplicidade do formulário, a identificação à maneira indígena e, em certa medida, a paleografia permitem atribuir esta inscrição à primeira metade do século 1 d. C.

José Cristóvão



**Гото** 128

#### 129

#### ARA ANEPÍGRAFA DE ALGODRES

**Гото** 129

Ara anepígrafa, de granito de grão fino, descoberta em Agosto de 1988 (¹), integrada numa das paredes da residência paroquial de Algodres, freguesia do mesmo nome, concelho de Fornos de Algodres. Actualmente encontra-se ao cuidado da presidente da Junta local, D. Virgínia Nunes Pacheco Ferreira, aguardando-se uma posterior transferência para a sede da Junta.

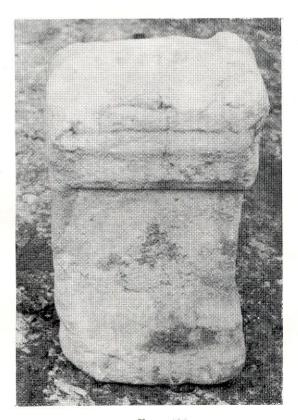
Moldurada nas quatro faces, mostra-se bastante desgastada, verificando-se, nas partes posterior e direita, uma destruição quase total motivada pela tentativa de aplanamento. Capitel (13,5 cm de altura) com molduração de tipo cordão, encimado por um fóculo — central e circular (8 cm de diâmetro; 2 cm de profundidade) — e dois toros arredondados, um deles totalmente destruído. Fuste (17 cm de altura) rebaixado a toda a volta e apresentando vestígios de polimento. A base (12,5 cm de altura) é de tipo garganta reversa pouco pronunciada.

 $\begin{array}{ccc} 28 & \times 21 \\ \text{Dimensões: } 43 \times 23 & \times 18 \\ 25,5 \times 21 \\ \text{Campo epigráfico: } 17 \times 23 \end{array}$ 

<sup>(</sup>¹) O seu achado deu-se durante a primeira fase dos trabalhos de restauro e protecção da Anta das Corgas da Matança, concelho de Fornos de Algodres, dirigidos pelo signatário e pelos Drs. Domingos da Cruz e Ana Leite da Cunha.

Este monumento não terá recebido qualquer epígrafe. Apesar do intenso desgaste e destruição, o rebaixamento do campo epigráfico permitiu a sua boa conservação não se vislumbrando quaisquer sinais do lapicida.

Luís Filipe C. Gomes



**Foro 129** 

### FRAGMENTO DE PLACA FUNERÁRIA

**Гото** 130

Encontra-se no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, em Lisboa, sem número de entrada, o fragmento paralelepipédico epigrafado duma placa funerária, de granito leucocrata de duas micas.

Vi-o, há alguns anos, entre as peças provenientes do Algarve; no entanto, o material e a tipologia (pelo que se pode imaginar que teria sido a peça inteira) aproximam-no mais dos monumentos epigráficos romanos da actual Beira Baixa. Nada, porém, se sabe ao certo da sua proveniência e não encontrei qualquer indicação de que, alguma vez, tenha sido publicado ou, sequer, referido. Por isso, o incluí aqui.

A reutilização da peça fez desaparecer o resto do texto e é inclusive, difícil determinar se a faixa côncava (de 1,8 cm de largura) que limita superiormente a linha pertence, ou não, à forma inicial do monumento, embora não pareça duvidoso que, do lado esquerdo, esteja o começo da 'cartela'; à direita, apesar de não se ver o debrum correspondente, a forma como a pedra está cortada sugere também que o texto terminaria aí, até porque não se vislumbra o ponto depois do E. Teríamos, assim, pelo menos, mais uma linha em cima, de que, porém, nenhum vestígio existe, pois é problemático ver até que ponto os traços existentes na pedra são restos de letras.

Dimensões:  $(23) \times 50 \times 19$ . Campo epigráfico:  $(11,4) \times (44)$ .  $(\cdots)$  / ATTII · F(ilius vel -a) · H(ic) · S(itus vel -a) · E(st)

(...) Aqui jaz ..., filho(a) de Átio.

Altura das letras: 9 (I = 8,5). Espaços: 1:1; 2:1,8/2.

Caracteres bem gravados, ocupando o espaço epigráfico disponível, tanto em altura como em extensão. Pontuação circular nítida. As barras, bem horizontais, curtas, com excepção das dos T, contrariam a tendência vertical sensível no F (barra colocada acima para evitar o ponto) e no E; A bastante aberto, o travessão do segundo T muito retraído. Notar o cuidado com que o lapicida traçou esse segundo T menor que o primeiro e o primeiro I menor que o segundo.

Optei por considerar apenas um defunto; contudo, nada impede que o epitáfio pudesse mencionar mais do que um.

Na Península Ibérica, o antropónimo Attius regista-se habitualmente como gentilício (cf. CIL II, p. 1056). E se não partilho inteiramente da opinião de Maria de Lourdes Albertos, que o inclui na lista dos antropónimos «hispânicos» (¹) atendendo a que se regista o genitivo Ati (²), o certo é que a sua utilização no lugar do patronímico — como se de um praenomen ou de um cognomen se tratasse — aponta para um contexto indígena pouco romanizado ou, pelo menos, ainda não suficientemente adestrado nos usos antroponímicos oficiais.

Pela paleografia, pelo modo de mencionar o patronímico e pela virtual ausência da fórmula S. T. T. L. — poder-se-á atribuir o monumento à primeira metade do séc. 1 da nossa era.

José d'Encarnação

Nuevos antroponimos hispanicos (2.ª série), «Emerita» 40 1972, s.v. «Attius», p. 18.

<sup>(2)</sup> Um dos magistri de Egitânia citados na doação do orarium (ILER 2082 = 5846a) de 16 a. C., é Amminus Ati f. Regista-se em Guadalajara uma Atia, filha de Rectugenus de Uxama, integrada nos Abboioci (CIL II 6294 = ILER 5457 e 6350). Num epitáfio de Yecla de Yeltes (região de Salamanca), a defunta identifica-se apenas Attia (ILER 3268).



гото **130**